

Paisagem, território e memória: a trama das simulações da identidade de um lugar

Maria do Carmo Serén

Conceito recente na linguagem e no olhar, a paisagem só se manifesta num contexto de aprendizagem favorável. Como conceito (e como olhar) só aparece no Ocidente nos finais do século XVI, coincidindo com sentimentos de rutura de conceitos de feudalidade e cristandade sem fronteiras, de afirmação da grandeza do homem, de individualismo, nacionalismo e novas utopias. É pois como representação de um tangível autónomo que ganha pertinência na arte e na literatura como uma nova apropriação *aqui e agora* do território, recusando o tradicional papel de “fundo” de acções humanas e divinas e afirmando a sua expressão de apropriação de uma terra não sancionada pelo céu. Conceito laico, ao autonomizar uma realidade, reforma também o imaginário de um lugar, (um país, no sentido restrito de espaço rural), traduzido como paisagem do natural – esse “natural” que se vai tornando um direito, na conquista da liberdade e da igualdade. Como todos os conceitos imbuídos de sentimentos o seu significado evolui com a alteração dos contextos sociais, mentais e técnicos e é esta indeterminação que explica muitas das simulações representadas que vão constituir a memória da paisagem e a sua afetação a domínios cada vez mais diversos.